

Estudo da Viabilidade da Expansão do *Lulz* no
Contexto da Sociedade Tecnocrática

Perspectivas Discordianas

Peterson Silva

Introdução

O discordianismo é uma religião de difícil definição. Muitos de seus próprios seguidores a definem como uma “religião disfarçada de piada, ou uma piada disfarçada de religião”. Entender esse movimento tão multi-facetado é impossível; o próprio conceito de “entendimento” é por ela desafiado.

Apesar da impossibilidade de apreender toda a realidade do discordianismo, este ensaio é uma tentativa de explicar uma pequena porção de suas possibilidades interpretativas. Além disso, é importante que algum discordiano o faça, porque como o discordianismo no futuro será mais popular do que o Islão, alguém do próprio movimento precisa fornecer um material interessante a fim de que os futuros acadêmicos não achem que o Principia é algum tipo de revisionismo nazista ou algo do gênero (como Hitler fez com Nietzsche. Friedrich não merecia isso não. . .).

É muito importante frisar que este livro de *forma alguma* reclama autoridade sobre a interpretação do Principia Discordia, tampouco deseja esgotar as possibilidades que este grande livro encerra. Cada discordiano é uma cabala, e esta ínfima contribuição para o cânone da discussão erisiana está longe de substituir a leitura direta das, hm, “escrituras”.

História

O discordianismo surge no contexto *hippie* dos anos 60. O Principia Discordia é um livro polêmico, artístico, humorístico, filosófico, teórico, prático. . . É curioso que suas reflexões e ideias tenham sido enterradas tão fundo em suas alegorias (que parecem ser os vívidos sonhos de um bêbado, à primeira vista), de forma que seja difícil chegar a elas sem antes passar pelo que os erisianos chamam de a “iluminação”¹.

Os discordianos cultuam a Deusa Éris — e é por isso que “erisianismo” é

¹Como dito anteriormente, os caminhos das verdades erisianas são muitos, e a própria iluminação é tida como um processo individual, de forma que o conhecimento ao qual o indivíduo chega é pessoal e marcado por suas próprias experiências prévias e sentimentos em relação à vida.

um termo sinônimo. Há discordianos em todo o mundo, embora a integração internacional não seja muito efetiva. Existe uma grande comunidade discordiana americana e europeia. Há incipientes referências na América Latina. Sendo eu um brasileiro, conheço mais da minha realidade: aqui existem *muitos* discordianos. Nunca tive o prazer de encontrar referências a discordianos na África, na Ásia e na Oceania, embora não tenha me esforçado muito para tanto, reconheço.

A história do discordianismo no Brasil é incerta em suas raízes, mas entre alguns dos precursores do movimento no Brasil estão o Rev. Raymond Lama — com o qual troquei um ou dois e-mails há algum tempo, inclusive — e o misterioso Anthony Stanton, que aparentemente foi um estudante em São Paulo na época em que as primeiras referências ao Principia surgiram no Brasil. Duas décadas depois dos primeiros sites sobre o discordianismo, existem quantidades consideráveis de discordianos em São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Minas Gerais, Bahia e diversos outros estados. O 1001 Gatos de Schrodinger, certa feita considerado o quarto blog mais popular do país, era nesta época² dirigido por Ibrahim Cesar, um dos mais proeminentes discordianos brasileiros da atualidade.

Dinâmica Atual

As possibilidades interpretativas às quais o livro se presta deram origem a diversos “braços” do discordianismo — correntes que divergem em pontos singulares sobre o Principia Discordia. Essas diferenças são visíveis também em termos internacionais. Muitos discordianos brasileiros não veem com bons olhos o movimento discordiano estrangeiro por uma série de razões. Uma das mais citadas é a construção coletiva do BIP (*Black Iron Prison*, Prisão de Barras de Ferro Negro, em inglês), uma coletânea de textos que tenta apresentar o discordianismo para a audiência contemporânea. O argumento por detrás da confecção do BIP é que a linguagem dos anos 60 não é mais atraente para o público atual; eles não enfrentavam os mesmos dilemas, e a simbologia hippie faz com que a mensagem não seja sequer considerada, e

²e permanece sendo na data em que isto é escrito

seja passada como uma brincadeira qualquer. E é aí que entra a discordância de muitos.

A questão é que o discordianismo tem um foco muito forte no tema do *humor*. Querer que a própria mensagem seja levada à sério é a antítese do movimento; seria como querer pregar a não-violência *dando uma surra* em pessoas violentas. O tom obscuro do BIP leva o conceito de “Operação: Mindfuck” às últimas consequências e tenta confrontar diretamente os paradigmas e os estigmas sociais de muitos desavisados. Há pouco, para não dizer nenhum, espaço para o *humor* na obra. Para muitos discordianos, o propósito original, que valia à pena, perdeu-se. Ao mesmo tempo, perde-se uma grande oportunidade de incorporar elementos da vida do século XXI ao tom jocoso do Principia.

Mesmo incorporando a mensagem do livro às suas próprias experiências passadas, ainda existe uma certa unidade do movimento. Apesar de existirem muitas religiões-irmãs que nasceram com propostas similares e possuem filosofias extremamente semelhantes, elas não são *dissidências* do erisianismo, que ainda é uno, e a multiplicidade de suas ideias faz parte de sua beleza (inclusive de sua *essência*). Apesar de cada um seguir seu próprio caminho de iluminação (creio que, mais fundamentalmente, no que se refere à *praxis* dos adeptos), a estrela indecifrável que a todos guia permanece a mesma.

Ineditismo

As referências culturais que o discordianismo faz são inúmeras. Ao longo das páginas do Principia podemos encontrar citações de grandes pensadores, como Nietzsche, Marx e Bohr, passando por poemas originais, *koans* zenbudistas, mitos gregos, teorias científicas da época, e até mesmo a Bíblia e uma iguaria emblemática da cultura recente: o *cachorro-quente*.

Assim como a maioria das ideias não vem do nada, e sim da recombinação e análise de ideias, experiências e conceitos anteriores, o discordianismo certamente não é inédito em tudo o que diz, e talvez não tenha sido a primeira a se apresentar do modo como se apresenta (os Subgenii podem reclamar tal posição, por exemplo). Ainda assim, o fascínio que causou em gerações ao longo de seu meio-século de existência pode ser explicado pela pouca fami-

liaridade do público ocidental com certas facções do zen-budismo, nas quais o movimento erisiano fortemente se inspira.

Discordianos no Armário

Apesar da época de relativa tolerância religiosa em que vivemos, o discordianismo não é visto com bons olhos pela população em geral; não por ser execrável, mas por ser desprezível. Por não possuir grande número de seguidores, grandes lugares de culto, presença na mídia e por não praticar (muitos) eventos públicos, em geral o erisianismo é *rejeitado* como *religião de fato*. Seu próprio nome e sua definição mais simplista (“cultuamos a Deusa do Caos, Éris”) passam a impressão de que a própria religião não existe, e que foi criada instantes antes pelo erisiano que se declara de tal forma, apenas para causar risadas em quem ouve. Aliás, o agnosticismo e o ateísmo são as filosofias às quais os discordianos mais recorrem quando não desejam se declarar como erisianos (para evitar questionamentos posteriores e resolverem logo qualquer que seja a questão relativa a religiões).

A própria relação do discordianismo com essas duas correntes de pensamento é curiosa. As religiões monoteístas afirmam que o Deus delas é o correto, de forma que as suas práticas religiosas e as suas leis morais são as únicas universalmente válidas. Depois de uma educação voltada para este tipo de crença, apenas os espíritos mais críticos podem livrar-se destes monoteísmos e começarem a *desconfiar* de afirmações absolutistas, de qualquer natureza, sobre o *conhecimento* acerca do sobrenatural.

Como consequência, alguém que acreditava em um único Deus antes muito provavelmente não irá se converter para o discordianismo sem deixar de acreditar, num contexto geral, nas afirmações absolutas sobre a realidade religiosa. Dessa forma, a crença em Éris não é de fato uma *crença* que carrega o mesmo significado que a crença cristã ou judaica, por exemplo. Como veremos adiante, o que ocorre com frequência é a adoção de Éris como uma *metáfora* que explica a realidade. Éris seria, portanto, a filosofia personificada em Deusa, e declarar a crença nela seria ao mesmo tempo declarar a descrença nas visões “oficiais” sobre as divindades, a crença em uma certa dinâmica da realidade e do universo, que poderia (por que não?)

ser governado, afinal, por uma mulher como Éris.

Ordem e Desordem I

Alguns dos mais importantes conceitos trabalhados pelo Principia Discordia são as ideias de Ordem e Desordem. É preciso dizer imediatamente que ambas são ilusões da mente humana. O Caos que Éris representa não tem a ver com *desordem*, posto que algo está em desordem quando não está de acordo com o *nosso padrão* de ordem. Existe uma dicotomia entre ordem e desordem, e ambas se sustentam no caos inerente à realidade.

Diz Kenneth Minnogue, cientista social, em sua obra “Política”:

“[...] Os despotismos são notáveis geradores de esclarecimento espiritual. Começa uma reação contra um mundo governado pelo capricho do poder e os súditos sérios abraçam o misticismo, o estoicismo e outras formas de fuga. A essência da vida é então encontrada num reino espiritual além do mundo dos sentidos e a vida social e política é desprezada como ilusória. (...) O despotismo flui tão naturalmente da conquista militar de que se originou a maioria das sociedades que criar uma ordem civil ou política pode ser visto como uma realização extraordinária. Os europeus conseguiram isso em três ocasiões notáveis e em duas delas essa realização entrou em colapso. A primeira foi com as cidades-estados da Grécia antiga, que mergulharam no despotismo após a morte de Alexandre, o grande. A segunda foi com os romanos, cujo próprio sucesso criou um império tão heterogêneo que apenas um poder despótico poderia impedir de se desintegrar. A primeira dessas experiências gerou o estoicismo e outras filosofias de fuga do mundo; a segunda foi a sementeira do cristianismo.”

O que é importante de perceber aqui é o papel que as religiões sempre tiveram no equilíbrio mental do homem; as filosofias de vida, incrementadas ou não com mitos, sempre tiveram um papel essencial na formação da *ordem*, na construção de uma *narrativa de vida* que liga o indivíduo em seu tempo

microscópico ao mundo em seu tempo macroscópico, histórico, e também ao universo em seu tempo “infinito”. Como consequência, a *ordem* gerada através dos processos materiais, mas coroada pelos processos ideológicos, dava a cada qual seu papel para com os outros e para com sua própria essência humana.

Quando as sociedades entram em crise, contudo, é curioso notar as “formas de fuga” que Minnogue cita. Quando o mundo não é mais capaz de fornecer a ordem que se deseja, a ideologia dominante passa a ser aquela que torna acessível a ordem de um *outro* mundo, o mundo espiritual, o qual só se alcança ao negar, esquecer, **negligenciar** cada vez mais a vida.

Isso pode ser visto também na origem do melodrama, forma de literatura que acompanhou a emancipação política da burguesia na Inglaterra vitoriana. O melodrama é o que vemos, aliás, até hoje nas formas mais populares de literatura. A existência de uma lei moral universal, de vítimas frágeis, do perigo iminente provocado pelo mal absoluto, e do herói desinteressado. O melodrama queria dar ao seu público, caindo (moralmente) aos pedaços diante do ataque feroz à antiga ordem aristocrática e clérica do mundo, um *senso de ordem* que não se desejava mais que fosse dado pela igreja católica. Isso que ainda nem falamos do nacionalismo, a religião em que o país é o Deus, ou da “corrosão do caráter” de que fala o sociólogo Richard Sennet. O capitalismo contemporâneo destrói nossa narrativa pessoal, levando pessoas a buscarem desesperadamente por ordem nos lugares mais propícios para continuar justamente *perpetuando* a situação que *causa* o problema em primeiro lugar.

A questão é que todas essas filosofias e ideologias procuravam legitimar, apoiar ou gerar um *senso de ordem* no mundo. O discordianismo é justamente a filosofia que não procura gerar a ordem — apenas partindo do pressuposto de que a ordem por si só é boa. Pelo contrário: O Principia expõe de forma lúdica, porém embasbacante, o quanto a busca cega por ordem nos impede que vivamos bem. Luc Ferry apresenta sua proposta de significado de “filosofia”: um sistema de pensamento que tenta nos dizer como devemos conduzir nossa vida a fim de viver bem. Pois bem, o discordianismo é portanto uma filosofia neste sentido útil: não devemos deixar que a obsessão pela “ordem” coordene nossas vidas, e nos leve para algo muito pior do que a desordem: a *destruição*. Todo o humor do discordianismo só

pode ser totalmente apreciado quando se entende que a ordem, de fato, não existe, e tentar buscá-la é inútil. Aprender a se integrar ao Caos da natureza é um objetivo muito mais factível e nobre.

Epistemologia Discordiana

De onde o discordiano tira as bases para suas conclusões? Como ele pode embasar sua filosofia de vida? Quais são as consequências de suas conclusões epistemológicas? As respostas para essas perguntas são insatisfatórias se rápidas e objetivas: O discordiano não tira bases para suas conclusões de lugar nenhum, porque não acredita em conclusões sobre a realidade³.

A epistemologia discordiana surge a partir de um conceito-chave, conhecido como a “premissa discordiana”:

“Todas as declarações são verdadeiras em algum sentido, falsas em algum sentido, sem sentido em algum sentido, verdadeiras e falsas em algum sentido, verdadeiras e sem sentido em algum sentido, falsas e sem sentido em algum sentido, e verdadeiras e falsas e sem sentido em algum sentido.”

A questão que se coloca no discordianismo não é assumir que, sob determinadas condições, um ponto de vista pode estar correto, mas sob outras condições, ele pode estar errado. É assumir que, simultaneamente, todos os pontos de vista já existem e incidem sobre a interpretação da realidade — de forma que todos os pontos de vista estão *simultaneamente corretos*. Existindo proposições que ao afirmar algo, negam todo o resto, todos os pontos de vista estão *simultaneamente errados*.

Isso, é claro, leva a algumas consequências interessantes se este princípio é aplicado à nossa vida. Afinal, tem-se a crítica: isto tudo é muito bonito na teoria filosófica metafísica, mas pra que isso realmente interessa?

Tal qual a anarquia política, que nos faz questionar a legitimidade da autoridade, a anarquia teórica do discordianismo nos faz questionar a legitimidade das ideias. O ceticismo de todos os tempos não é nada senão o

³Uma conclusão acontece quando você para de pensar, não é o que dizem?

instinto básico de questionar aquilo que vem a nós pronto, que entra em nosso organismo, na maioria das vezes, como verdade absoluta que se deseja cimentar em nossos túneis-realidade⁴ desde que somos crianças. Indo menos longe, saindo da esfera do ataque às religiões e superstições, a própria ciência alimenta-se disso: toda teoria científica é considerada verdadeira enquanto funciona. Toda expansão do conhecimento científico baseia-se na tentativa de empurrar aos limites aquilo que se tem por certo, desconfiando, passando a, mais depois, ter o conhecimento anterior como falso e o novo como “mais acurado”.

Tão importante quanto questionar as ideias externas que se declaram totalmente verdadeiras é também questionar as ideias internas: o erisianismo enquanto prática pessoal nos leva a adotar uma postura menos rígida quanto às nossas concepções intelectuais: será que aquilo que ao longo do tempo construímos como certo, verdadeiro, justo — será que isto é mesmo como deve ser? Será que as concepções que tenho sobre as outras pessoas estão mesmo corretas? Será que as concepções que tenho sobre mim mesmo estão corretas?

Entretanto, fazer perguntas sem nunca escolher uma resposta parece inadequado, e com razão⁵. Entretanto, manter as opções em aberto, não se comprometer necessariamente com alguma teoria é justamente uma vantagem no que se refere ao entendimento da realidade. Conhecer novas ideias, *criar* novas ideias, discutir conceitos e interpretações não é algo sem sentido⁶ apenas porque, sob certos sentidos, estas ideias estarão erradas. Muito pelo contrário: a descoberta dos sentidos em que são *verdadeiras* é valiosa.

Sob este prisma a premissa discordiana torna-se tão pragmática quanto progressivamente perigosa: para conhecer os múltiplos elementos de uma determinada realidade (para poder agir com consciência) é preciso estar aberto a várias interpretações, ideias, propostas, e escolher as mais adequadas para cada situação. Se isto parece maquiavélico⁷, talvez seja, mas nada tem a ver com as questões de “Razões de Estado”: se a ação sobre a realidade provoca mal-estar em si ou nos outros, haverá consequências para isso, e conhecer as

⁴Termo cunhado por Robert Anton Wilson para descrever o conjunto das ideias e dos conceitos que compõem a totalidade de nossa interpretação sobre todas as coisas.

⁵... Em certo sentido.

⁶... Em todos os sentidos, isto é.

⁷Na acepção popular da palavra

ideias e reflexões sobre essas consequências nos ajudará a prevenir isso. Além disso, estar alerta sobre a possibilidade de nossas interpretações quanto às ações dos outros estarem erradas nos leva a mais diálogo, mais aceitação, mais ação direta para resolver nossos conflitos, e, no fim das contas, mais liberdade.

A liberdade epistemológica discordiana prepara nossa mente para a liberdade prática, que vem com a responsabilidade e o desejo pelo conhecimento — um conhecimento não dogmático e não fechado, mas aberto e levando em consideração outros aspectos da realidade. Isso não significa que não se deva escolher partidos ou ter ideias que provocam particular afeição; muito pelo contrário. A consciência individual que se atém a ideias específicas e coerentes faz parte de quem somos, mas o ideal discordiano é nosso amigável alerta que está pronto para expandir nossas mentes e nossa racionalidade.

Essa ideia é libertadora também à medida em que rompe com a ordem — nossa própria ordem repressora, um componente fundamental dos sistemas de pensamento absolutistas. A realidade — em especial a das nossas emoções e dos nossos pensamentos — possui paradoxos e contradições que muitos desejam eliminar, contornar, porque são obstáculos à manutenção da ordem. Contudo, eles jamais realmente desaparecem, e tentar encaixar a realidade na teoria (ao invés de a teoria na realidade) apenas causa mais problemas. Abrir a mente para a análise intuitiva do caos é uma forma de se religar ao *absurdo* da existência.

Não é à toa que páginas que precedem o próprio sumário apresentam partes desse conceito em um curto bombardeio conceitual. Muitos jamais entenderão os mistérios erisianos enquanto não atravessarem a parede de símbolos e brincadeiras. Quem não abandona a seriedade e o compromisso com a própria ordem interior jamais conseguirá chegar à iluminação. Por isso, inclusive, que a meditação sobre mistérios é considerada uma forma de iluminação: é tornar o incomum, comum; aquilo que não se entende, em compreensível⁸.

⁸... Em certo sentido!

Humor I

Um exemplo das barreiras e das simbologias nas quais se escondem os mistérios erisianos são os *koans*. Um koan é, segundo a tradição do zenbudismo, uma história, um diálogo, uma pergunta ou uma afirmação cujo significado não pode ser entendido através do pensamento racional, mas através da *intuição* apenas. Apesar de orientais, o Principia está cheio de koans ocidentais (apesar de não terem sido concebidos como tais, tecnicamente) tanto originais quanto citados de outras pessoas. Groucho-Marx diz que “Há um tesouro escondido naquela casa”. Alguém rebate que não há casa alguma lá, ao que ele responde: “Então vamos construí-la!”.

No início do livro há também uma entrevista com Malaclypse, o mais jovem, em que ele afirma que às vezes leva o humor seriamente, às vezes leva a seriedade com humor. É uma afirmação bastante contundente sobre a natureza do humor que se encontra no Principia. Apesar de bem humorado, isto não significa a ausência de ensinamentos que sejam tidos como “sérios” pela maioria das pessoas — não significa a ausência de pensamentos *relevantes*. Ainda assim, Malaclypse afirma que isto é irrelevante. É lícito imaginar que tanto o humor quanto a seriedade podem servir para os propósitos de transmissão dos ensinamentos. De qualquer forma, ambos são temas muito presentes no Principia, e sua interação com a ordem e desordem também é muito importante.

Malaclypse diz também que a verdade em seus ensinamentos o deixou louco — o que é muito diferente da suposição de que a loucura produz pensamentos falsos. A ideia da “loucura causada pela lucidez” não é nova, principalmente em se tratando de religiões. A loucura se transfigurou muito ao longo dos séculos, mas em geral a *diferença* em relação à ordem estabelecida sempre foi tida como perigosa. As ideologias geradoras de ordem classificam os pensamentos divergentes como loucos, tornando-os semelhantes aos distúrbios psíquicos que incapacitam as pessoas, justamente para incapacitar o impacto de suas ideias. Se um louco mal consegue distinguir o mais elementar verdadeiro do mais óbvio falso, taxar os proponentes de ideias revolucionárias como loucos é a forma mais eficaz de lhes tirar a legitimidade e fazer com que sejam desconsiderados.

Ordem e Desordem II

Um dos conceitos cruciais a entender sobre o erisianismo é o de Caos. Longe de significar bagunça, desordem e destruição completa, os discordianos redescobrem um sentido mais antigo da palavra. Sendo diretos, podemos dizer que o discordianismo considera tanto ordem quanto desordem meras ilusões. Na página 00049, encontramos o seguinte:

O Princípio Anerístico é aquele de APARENTE ORDEM; o Princípio Erístico é aquele de APARENTE DESORDEM. Tanto ordem quanto desordem são conceitos criados pelo homem e são divisões artificiais do CAOS PURO, que é um nível além do que o nível de criação de distinções. Com nosso aparato de criar conceitos, que chamamos “mente”, nós olhamos para a realidade através das idéias-sobre-a-realidade que nossas culturas nos dão. As idéias-sobre-a-realidade são erroneamente rotuladas de “realidade”, e pessoas não iluminadas sempre ficam perplexas pelo fato de que outras pessoas, especialmente outras culturas, veem a “realidade” de uma maneira diferente. São somente as idéias-sobre-a-realidade que diferem. A realidade Real (Verdadeira com V maiúsculo) é um nível além do nível de conceito. Nós olhamos para o mundo através de janelas nas quais foram desenhadas grades (conceitos). Filosofias diferentes usam grades diferentes. Uma cultura é um grupo de pessoas com grades bastante similares. Através de uma janela nós vemos caos, e relacionamo-lo aos pontos na nossa grade, e assim entendemos ele. A ORDEM está na GRADE. Este é o Princípio Anerístico.

A premissa discordiana desdenha dos absolutismos teóricos. Estes, por sua vez, tem (geralmente) como objetivo gerar ou manter uma determinada ordem. Nada mais natural do que negar que a ordem seja a coisa mais importante a que os humanos aspirem. Ao mesmo tempo, a desordem absoluta leva a diversos contratempos e coisas que as pessoas possam, em geral, considerar desagradáveis. Então que tipo de ordem e que tipo de desordem seriam interessantes? Que grau de ordem ou desordem é aceitável e desejável?

O Principia não faz nenhuma “genealogia da ordem”, mas estabelece uma dicotomia que atravessa simultaneamente vários conceitos do erisianismo. Essa dicotomia pode ser percebida em sua totalidade através do mito da Maldição de Caracina.

Neste mito, Caracina, descrito como um “cérebro-torto infeliz”, concebeu a ideia de que o universo era ordeiro e sério. Convencido disso, ele ensinava que a diversão era pecaminosa porque contradizia os caminhos da ordem séria. Ele dizia: “Olhem para toda a ordem em volta de vocês”. Desde então os homens passaram a crer que a realidade era um “negócio duro e direto e não o romance feliz como os homens a conheciam”.⁹

A descrição da maldição, no Principia, prossegue: o livro comenta que não se entende por que os homens eram tão crédulos naquela época, porque ninguém pensou em observar toda a desordem em volta e concluir justamente o inverso. De qualquer forma, os homens afetados pela maldição de Caracina “levavam o jogo de jogar com a vida” mais a sério do que a própria vida. Encontramos aqui uma crítica severa ao etnocentrismo e ao dogmatismo, e ao mesmo tempo um certo deboche quanto aos valores aos quais a maioria das pessoas se dedica atualmente: uma vida de sacrifícios, batalha e alienação em nome de um descanso na aposentadoria, que estará, em um mundo ideal, preenchida com os bens amealhados durante uma vida de esforço.

Este mito em particular traça uma linha conceitual que divide claramente quatro ideias trabalhadas no erisianismo, a saber, o dogmatismo, a premissa discordiana, a escolha da ordem como valor fundamental e a escolha da ordem como valor incidental. O absolutismo teórico e a valorização extrema da ordem são considerados ruins; a premissa discordiana e a ordem considerada em seu valor pragmático, bons.

O mito é complementado no Principia, várias páginas depois, por uma reflexão sobre os aspectos da realidade que deveriam ser tomados como a principal polaridade. Ao invés de considerar a ordem como algo bom e a desordem como algo ruim, as pessoas deveriam considerar a **criatividade** como algo bom, e a **destrutividade** como algo ruim. O próprio livro não poderia explicar de maneira mais simples:

A Maldição de Caracina incluiu a divisão da vida em ordem

⁹Isso aconteceu, aliás, no ano 1166 antes da era cristã. No calendário discordiano, esse é o ano 0, o que indica que a valorização da ordem levou à criação do calendário.

/ desordem como a polaridade positiva / negativa essencial, em vez de construir uma fundação de jogo com criativo / destrutivo como o positivo / negativo essencial. Assim ele fez o homem suportar os aspectos destrutivos da ordem e impediu o homem de participar efetivamente nos usos criativos da desordem. A civilização reflete esta divisão desgraçada.

Com isso fechamos o círculo e arranhamos a superfície de alguns dos mistérios erisianos. O que importa realmente não é a ordem ou a desordem — aprender a lidar com a indeterminação das ideias, da realidade, é o desafio que o discordianismo propõe, mas não apenas pela transformação que isso provoca (tolerância, ceticismo, aprendizado) ou por pensar nisso como a inviolável grande “Verdade” sobre tudo: talvez ela não seja. O que importa, contudo, é que buscar abrir a mente a novas possibilidades nos leva a entender o poder libertador e gratificante da **criatividade**, nos leva a entender melhor até a nós mesmos, este feixe de crenças e vontades, na busca de melhores maneiras de viver, de se relacionar, de se *organizar* — sem, é claro, considerar que essas descobertas funcionem para todos, sendo as únicas opções de modo de vida, relacionamentos e organizações sociais.

A “ordem a todo preço” é uma atitude institucionalizada e interiorizada, psicologicamente, pela nossa cultura e pelas pessoas que participam dela. Devemos buscar a paz, mesmo quando ela significa conformismo e aceitação de injustiças ou de prejuízos próprios? Devemos manter as coisas como estão, mesmo quando outras alternativas são claramente melhores? Não será uma verdade que, para a maioria das pessoas, um grande incêndio não provoca mais angústia do que a sensação de que as coisas *estão fora do lugar*?

O discordianismo contrapõe o absolutismo teórico com a sua premissa relativista, e contrapõe a polarização entre ordem e desordem (abraçando aquela como a vida, fugindo desta como do diabo) com a polarização entre criatividade e destrutividade. Além disso, dicotomiza também uma posição de seriedade para com a existência e a posição de compreensão do simples absurdo da vida.

Humor II

Se na base epistemológica da religião discordiana encontra-se um ataque às convicções, e na análise da realidade encontramos um repúdio às tentativas de “ordeirizar” tudo, encontramos na ética discordiana a arma que é tida como a mais eficiente na luta contra a Maldição de Caracina: o humor. E isto não depreendemos de insinuações: está na própria ritualística discordiana. Ao procurar entender os procedimentos erisianos nos deparamos com o feitiço que contra-ataca a maldição. Revelado pelo apóstolo Dr. Van Van Mojo, aqui vão as instruções para a *Maldição do Peru*:

Posicione seus pés como se você John L. Sullivan se preparando para sapatear. [...] Comece a ondear seus braços de qualquer maneira elaborada e faça movimento com as mãos como se você fosse Mandrake se sentindo enormemente sensual. Cante, ruidosamente e claramente:

GLUU GLUU GLUU GLUU GLUU!

O humor revela-se, portanto, um dos pilares mais extraordinários e difundidos da teologia discordiana. Ele é uma arma, mas também um caminho para o entendimento da realidade: os *koans* e as afirmações aparentemente sem sentido libertam o homem da necessidade de ordem e o reconduzem ao equilíbrio criativo. Indo ainda mais além, o erisianismo pode ser visto até como, em última instância, um hedonismo que nada tem a ver com a fruição de bens materiais, mas com a fruição de momentos e experiências, com o divertimento e o riso como construção primordial daquilo que vale à pena ser vivido.

Em uma das últimas revelações mais “explícitas” dos mistérios (no final do livro), as próprias sensações e os sentimentos aparecem como positivos quando subordinados a um certo espírito de esportividade, a uma alma pronta para o *jogo* — mas o jogo propositalmente alienado das sérias preocupações quanto aos *resultados*, sendo apenas um veículo para a expressão das emoções, tornando o próprio ato de jogar o fim em-si do jogo.

A raça humana irá começar a resolver seus problemas no dia em que cessar de se encarar tão seriamente. Para tal fim, [propomos]

o contrajogo de NONSENSE COMO SALVAÇÃO. Salvação de uma existência feia e bárbara que é o resultado de tomar a ordem tão seriamente e temer tão seriamente ordens contrárias e desordem, que JOGOS são tomados como mais importante que a VIDA; em lugar de tomar a VIDA COMO A ARTE DE JOGAR JOGOS. [...] Se você pode dominar o Nonsense como você já aprendeu a dominar o senso comum, então cada um exporá o outro para o que realmente é: absurdo. A partir desse momento de iluminação, um homem começa a ser livre não importa seu ambiente. [...] Como o mestre de seus próprios jogos, ele joga sem medo, e então sem frustração, e então com o bem em sua alma e amor em seu ser. [...] Que você tenha o conhecimento de um sábio e a sabedoria de uma criança. Salve Éris.

Numa última análise, o discordianismo dota o humor como o elemento que une a todos os humanos naquilo que todos temos em comum: o *ridículo*. Podemos todos encontrar em uma porção da humanidade características em comum, mas o que todos temos *de fato* de igual é a realidade de que somos todos ridículos. Encarar isso em uma sociedade que visa fortificar a todo o instante nosso ego é extremamente difícil; daí o papel ainda mais fundamental que o humor exerce em nossa libertação: ele deve quebrar as defesas, deve invadir os pulmões inflados de orgulho e fazer com que os humanos finalmente respirem aliviados, vendo a si mesmos como realmente são, em todas as sublimes realizações, mas também em todas as vergonhosas falhas.

Revelação e Liberdade

A liberdade é um conceito valorizado pelos discordianos, uma vez que analisa-se a realidade social atual como um constante julgo dos seres humanos por parte da ordem séria, que corrompe os homens, leva-os à frustração e ao não desenvolvimento de suas capacidades criativas, que dão, em certo sentido, sentido e leveza à vida.

Trabalhar pela libertação intelectual, que leva a uma libertação prática, dos homens, é tido como um importante objetivo desta religião livre. Isso

não é a troca de nada; as grandes religiões monoteístas pregam a obediência à divindade como um preceito assumido, não como algo deduzido ou que tenha algum sentido prático. O discordianismo, contudo, declara: “A raça humana irá começar a resolver seus problemas no dia em que cessar de se encarar tão seriamente”. Libertar para melhor viver.

Há uma imensidão de exemplos na simbologia, mitologia e ritualística discordianas sobre a questão da liberdade e seu papel enquanto alvo principal dos preceitos erisianos. Alguns dos mais reveladores incluem o mito da Revelação Discordiana e o Pentaroto (os cinco mandamentos).

Segundo o Principia, Éris revelou-se a Omar Ravenhurst e a Malaclypse O Mais Jovem enquanto eles estavam em um boteco-boliche-aberto-a-noite-toda, na Califórnia, resolvendo todos os problemas do mundo. Naquela noite em particular, eles comentavam a confusão pessoal que cada um sentia em suas vidas. Um deles disse: “Resolva o problema da Discórdia”, ao que o outro respondeu: “Caos e conflito são as raízes de toda confusão”.

Nesse instante, um chimpanzé de focinho cinza, em uma visão particular deles, lhes entregou um pergaminho com o *Sagrado Cao*¹⁰, um símbolo como o yin-yang oriental, porém com um pentágono de um lado, e uma maçã dourada de outro. Após dias de pesquisa, ambos chegaram a relacionar a figura com Éris, a deusa grega da discórdia. Na noite da descoberta, Éris apareceu para eles em sonho e disse: “Eu vim para lhes contar que são livres”.

Eu vim para lhes contar que são livres. Muitas eras atrás minha consciência deixou o homem, ele deveria se desenvolver sozinho. Retornei para encontrar este desenvolvimento quase completo, mas obstruído pelo medo e incompreensão. Vocês construíram para si mesmos, armaduras psíquicas, e trancados dentro delas, sua visão é restrita, seus movimentos são desastrosos e dolorosos, sua pele é machucada e seu espírito frito no sol. [...] Eu sou Caos. Estou viva e vim lhes contar que são livres.

Apesar de estas frases suscitarem controvérsia, é difícil supor, com tão detalhada análise da prisão psicológica humana, que o verbo *ser*, conjugado no presente, signifique que o mero retorno de Éris tenha libertado os homens.

¹⁰O nome e significado foi revelado a eles mais tarde também.

A frase pode ser muito mais acuradamente interpretada¹¹ como um chamado à ação, e como constatação de que o caminho para a liberdade está agora esclarecido.

O Pentaroto é outro exemplo do lugar essencial que a liberdade tem dentro do movimento discordiano. O último dos cinco mandamentos discordianos faz uma clara e deliciosa apologia ao ceticismo: “Um discordiano é proibido de acreditar naquilo que lê”.

Simbologia Irônica

A leitura dos outros mandamentos do Pentaroto nos dão um curioso *insight* sobre a ironia presente no Principia. O primeiro deles nos diz que devemos adorar apenas à Deusa e participar apenas do Movimento Erisiano — não há outra Deusa, não há outro Movimento Erisiano. Logicamente, uma paródia ao catolicismo, mas mais do que isso uma destruição intencional dos próprios limites do relativismo, que não aceitaria tal declaração de maneira tranquila.

Existem vários outros exemplos. A Lei dos Cinco, talvez o mais popular¹² preceito discordiano, é perfeito: a lei diz que tudo está relacionado, de alguma forma, ao 5. É possível, é claro, através de ginásticas retóricas e matemáticas, relacionar qualquer número e qualquer outra coisa ao número 5. A lei pretende mostrar claramente a dinâmica das maneiras ordeiras de ver o mundo: *você vê o que quer ver*.

Teologia, Filosofia ou Teoria Sociológica?

O chamado à ação para a libertação dos seres humanos foi claro. Ao mesmo tempo, que tipo de ação se espera dos evangelizadores da discórdia? O próprio Principia responde a essa questão. Uma das últimas páginas do

¹¹... Em certo sentido!

¹²O número 23 recentemente protagonizou um filme americano como causador de inúmeras desgraças na vida do protagonista. Os discordianos costumam dizer que o 23 é apenas uma máscara do 5, já que $2 + 3 = 5$.

livro nos diz que devemos “plantar nossas sementes” — espalhar o discordianismo por aí, de modo figurado.

Mas o que exatamente seria o discordianismo? Ele possui uma arrojada, complexa e profunda mitologia, da qual se depreende um sentido de vida. Possui também simbologia que relaciona o sagrado ao mundano (e estabelece a reverência a certos aspectos da vida e da realidade), personifica as forças superiores a nós (neste caso, o caos inerente à realidade) em uma divindade. Existem também rituais e até mesmo cânticos e poemas. Por outro lado, a própria mitologia e simbologia discordiana não oferecem um sistema coerente — desde quando a ordem é o objetivo, afinal? — e os erisianos em geral não acreditam em seus símbolos como sendo verdadeiros e tendo acuidade histórica. Entretanto, isso não necessariamente é critério para julgar a religiosidade de alguém.

Todas essas características, contudo, podem ser consideradas irrelevantes e cosméticas se o núcleo e o sentido do erisianismo for compreendido como acima: visando a emancipação e o empoderamento humanos. Ao invés da sujeição à vontade divina, o erisianismo oferece um sistema de interpretação da realidade que tem como consequência uma nova “teoria da salvação” — isto é, uma resposta à pergunta filosófica por excelência: *Como aproveitar bem a vida, tendo em vista sua finitude?*

Ao mesmo tempo, a proposta de ação do discordianismo transcende o uso da razão para o bom aproveitamento da vida: a partir da libertação progressiva dos indivíduos, ele propõe a libertação da humanidade; mais do que querer apaziguar a confusão e a inépcia de um homem particular para lidar com a existência, ele pretende lidar com a discórdia que há muito tempo divide os homens e causa problemas de toda a sorte. Bebendo de fontes existencialistas e weberianas, porém, ele não parece levar em conta a estrutura, tanto econômica quanto discursiva, que mantém os homens atrelados às suas condições materiais e intelectuais, impedindo-os de facilmente se libertar. É preciso mais do que a libertação da consciência para a efetiva emancipação, para poder *possibilitar* que se viva do jeito como se quer viver.

É por isso que o discordianismo é muitas vezes simplesmente tido como *movimento*. Religioso, intelectual ou político, ele busca a independência e a realização humanas. Sua própria estrutura de pensamento leva à conclusão: seja lá o que ele for, ele apenas o será em certo sentido.